

## RESUMO / ABSTRACT

### **O RECONHECIMENTO À LUZ DO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR**

Explica-se a busca fenomenológica do conceito de reconhecimento estudada pelo filósofo Paul Ricoeur, exemplificado no romance *El enteado*.

**Palavras-chave:** reconhecimento; Ricoeur; alteridade; Saer.

### **THE RECOGNITION ACCORDING TO THE THINKING OF PAUL RICOEUR**

The phenomenological pursuit of the concept of recognition studied by Paul Ricoeur is explained, exemplified in the novel "*El enteado*".

**Keywords:** recognition; Ricoeur; otherness; Saer.



## O RECONHECIMENTO À LUZ DO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR

Sara Almarza

Professora Titular do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF.  
salmarza@unb.br

Esse eu que é vós pois não aguento ser apenas mim, preciso dos outros  
para me manter de pé...

Clarice Lispector

No sistema cultural global, a necessidade de contato com o diferente é assunto discutido pelo menos desde o século XVI, quando Michel de Montaigne conjetura sobre quem são os bárbaros; como resposta o ensaísta assinala que o olhar sempre provém do lugar em que o eu se encontra, ou seja, sua própria cultura. O antropólogo contemporâneo Rodrigues Brandão, em relação ao outro, esclarece que “o diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade” (1986, p. 7).

Como se comporta o vínculo entre o *eu* e o *outro*? Para abranger a complexidade dessa ligação, é necessário discorrer sobre a situação de alteridade. No caminho dessa reflexão detenho-me também em duas categorias ligadas com o outro, a *reciprocidade* que se dá entre o par e o *reconhecimento*.

É inegável a importância que os textos literários têm tido ao longo dos tempos, nas inquições da filosofia e, particularmente em Paul Ricoeur, a ficção tem sido uma companhia constante de suas indagações. A “literatura parece consistir num vasto laboratório para experiências do pensamento”, ele assinala (1996, p. 147). Acolhendo tal convencimento, neste percurso teórico sobre o reconhecer, apoio-me no romance *O enteado* (1982) do argentino Juan José Saer (1937-2005). É acompanhando a busca do filósofo que apresento uma nova leitura desse romance.

Por que a escolha dessa obra para me aproximar ao tema do reconhecimento? Inicialmente um gosto pessoal como em qualquer eleição, mas o essencial que me leva a deter-me nesse texto deve-se

a que, na escrita de Saer, o leitor depara-se constantemente com as elucubrações de seus personagens; poderíamos assinalar que o *corpus* de sua produção permite uma *função de pensamento*. Na maioria de suas obras não há interesse pelo anedótico, seus protagonistas são grandes observadores do comportamento de si mesmo e dos outros. De maneira especial, nesse romance o personagem-narrador não se descola das situações cotidianas; com seu atento olhar, esmiúça detalhes das atitudes da tribo Colastiné, na região do Rio da Prata<sup>1</sup>, com a qual deve viver durante dez anos. Encontramo-nos frente a um personagem absorto enfrentando um espaço, um tempo histórico e um grupo social completamente novos.

\* \* \* \* \*

Uma instância reflexiva começa sempre com a dúvida. A perplexidade é o início da compreensão e não é a certeza, mas a vacilação o caminho para se aproximar ao conhecimento de si e do outro. Tais colocações são levantadas por Ricoeur ao indagar o porquê da ausência de uma filosofia sobre o reconhecimento. Ele, em várias obras, levanta e explicita os fundamentos do conceito, colocando os princípios que o alicerçam<sup>2</sup>.

O assunto deste trabalho é especificar como se estabelece entre duas noções diferenciadas, o **eu** e o **outro**, o reconhecimento. No entanto, neste percurso epistemológico é necessário antes se deter na situação de reciprocidade – categoria existencial básica para acompanhar a indagação de Ricoeur na compreensão desse conceito –, que se instala entre aquelas duas noções. O interesse do filósofo pelo conceito de reciprocidade esteve motivado, entre outras razões, pela dificuldade encontrada na fenomenologia tanto de Edmund Husserl como de Emmanuel Lévinas em relação à existência numa assimetria, isto é, a coexistência de uma desproporção na correspondência que se estabelece entre o **eu** e o **outro**. Sem pretender me deter, nesta ocasião, sobre as diferenças que poderiam chegar a existir entre Husserl e Lévinas em relação à desigualdade, o importante é compreender, como expõe Ricoeur, que os dois pensadores, através de caminhos diferentes, buscaram superar a desproporção que se estabelece entre o **eu** e o **outro**. O diverso caminho empreendido por ambos os fenomenólogos reside no ponto de partida de cada um: Husserl concentra-se no **eu** e a reflexão de Lévinas está centrada no **outro**. Nestas linhas acompanho mais de perto ao autor das *Meditaciones cartesianas*, isto é, detenho-me especialmente no olhar do **eu**.

<sup>1</sup> Tribo antropófaga radicada nas costas do rio Colastiné, afluente do Paraná, próximo à cidade argentina de Santa Fé.

<sup>2</sup> Menciono só as últimas pesquisas: *Si mismo como otro* (1990), *A memória, a história, o esquecimento* (2000) e *Percurso do reconhecimento* (2004).

Na busca por entender a relação de alteridade, interessa saber como funciona essa assimetria. A diferença – entre o *eu* e o *outro* – não pode ser invalidada, ao contrário, esta sempre persiste e estamos obrigados a aceitar essa situação. Junto a este argumento sobre a assimetria, o filósofo francês assume para sua reflexão a distinção kantiana entre as duas faculdades do homem – os dois “troncos” como as denomina Kant –, a sensibilidade e o entendimento. Através da sensibilidade os objetos nos são dados e pelo entendimento eles são pensados (RICOEUR, 2006, p. 52). O reconhecimento, então, vem de uma ação que opera em dois momentos onde a simultaneidade é intrínseca. Focando a trama do romance em questão veremos que se produz uma situação similar. O narrador, um jovem espanhol, encontra-se com uma tribo indígena, desconhecida da expedição da qual fazia parte, e na convivência, durante uma década, ela é observada pelo jovem; e logo, já velho, avaliada e ponderada quando rememora suas vivências.

Nessa busca por situar o conceito de reconhecimento, Ricoeur recorre à relação kantiana entre as substâncias<sup>3</sup> entendendo-as como indispensáveis para que o entendimento possa unificar os dados provenientes dos sentidos. Uma das características que Kant outorga ao conceito de substância, que se torna essencial na construção do reconhecimento, consiste em que todas elas quando “são percebidas como simultâneas no espaço, encontram-se em uma ação recíproca”<sup>4</sup>. Além disso, o princípio de ação mútua ou reciprocidade está na origem de um mundo em comum e é o começo das diversas comunidades históricas, segundo coloca na terceira *Analogia*. A categoria de reciprocidade fundamenta-se ainda no princípio de um encontro de pares, uma *mutualidade* como assinala Ricoeur. O par identificado no romance está formado pelo jovem de quinze anos que integra a expedição espanhola de Juan Díaz de Solís e pela tribo indígena colastiné. Do ritual antropofágico sobrevive somente o jovem que coexiste com eles num abandono total de sua vida anterior. Embora habitem o mesmo espaço, o espanhol participa de um tempo sócio-histórico diferente, ele provém de um ambiente europeu impregnado de aspirações de conquista e de um mundo cultural totalmente diverso; é evidente, então, a assimetria. O jovem assiste à festa anual dos indígenas somente no seu primeiro dia. Foi nesse momento que tomou consciência exata do que se avizinhava para ele.

Como já foi mencionado, o protagonista e narrador é o jovem que, quando ancião, relata sua experiência com aquele grupo. Na primeira linha do romance, o narrador assinala que expõe os fatos muito tempo depois: “dessas costas vazias me restou, sobretudo, a abundância de céu”. Para analisar a relação recíproca que se estabelece entre eles, a primeira pessoa narradora menciono como o *eu* e

<sup>3</sup> Para Kant, substância é um conceito que o entendimento emprega para unificar os dados sensíveis e assim poder formular proposições.

<sup>4</sup> *Crítica da razão pura. Terceira Analogia*. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis/>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

a tribo como o **outro**. Que poderia haver de semelhante entre o espanhol e esse grupo indígena? Ou, como disse Ricoeur, que elementos valeriam ser considerados “análogos” entre os colastiné e esse jovem? Ou, quiçá, formulando com esta outra pergunta, que condições de cada um poderiam alimentar o conceito de “pares”? São essas **interrogações** que pretendo responder, pois para o narrador, de volta à sua terra natal após sessenta anos, são os colastiné que preenchem por completo sua existência.

No diálogo entre a ficção e a teoria filosófica ricoeuriana, observamos que para o velho narrador criado por Saer “o desconhecido é uma abstração; o conhecido um deserto; mas o conhecido pela metade, o vislumbrado, é o lugar perfeito para fazer ondular desejo e alucinação”<sup>5</sup>. Parece-me que este pensamento saeriano se irmana com o ânimo com o qual Ricoeur assume a indagação sobre o reconhecer. No prefácio a sua última pesquisa, *Percurso do reconhecimento*, explica como percebeu a necessidade teórica de buscar uma compreensão filosófica sobre a ideia de reconhecer e como foi invadido por um *sentimento de perplexidade* (“Prefácio”, *op. cit.* p. 9-10.) ao se deparar com a força polissêmica do termo. Testemunhamos, então, como o ficcionista e o filósofo, por caminhos diversos, indagam a maneira como o desconhecido do **outro** passa a ser reconhecido pelo **eu**<sup>6</sup>.

### O eu e o outro

Gostaria de destacar o seguinte testemunho do **eu** ou do **velho-narrador** como também o menciono neste trabalho. Ele relata que “dois ou três anos após ter chegado [a essas costas] era como se nunca tivesse estado em outra parte” (p. 103), garante sessenta anos depois de ter convivido com eles. Aceitamos o fato de que, desde o ponto de vista do **eu**, os indígenas deixaram de ser desconhecidos e são percebidos como **outro**. *Perceber* (a outro ou a alguma coisa) é o primeiro passo para o reconhecimento, situação que é seguida por um segundo momento, a *identificação*, que segundo Ricoeur corresponde ao “núcleo duro” da ideia de reconhecimento.

A impressão com o vasto espaço na costa do Rio da Prata, a quantidade enorme de indígenas e a situação de único sobrevivente enfrentada pelo **eu**, desenvolve entre ele e o **outro** uma relação recíproca. Observemos no romance algumas situações. O **narrador** se interessa em entender a rotina da tribo, o sentido das excursões anuais pelo Rio, esforça-se por compreender a complexa linguagem – “foi-me necessário ir desempastelando, durante anos, essa língua [...] sem nunca chegar a estar certo de ter acertado” –, em que um termo – *def-ghi* – significava ao “mesmo tempo muitas coisas díspares e contraditórias”<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> O *enteado*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 12. A seguir, as páginas do romance vão no corpo do texto.

<sup>6</sup> A investigação de Ricoeur nos faz lembrar a busca de Freud no texto “O estranho” (1919), no qual o psicanalista, ao inverso, parte do familiar, do repetitivo ao desconhecido. Ver Freud (1969).

<sup>7</sup> “Chamavam assim a uma pessoa ausente, a um pássaro de bico preto, ao reflexo das coisas na água, ao homem que se adian-

Até ele foi chamado com a mesma palavra. Após longas reflexões deduziu, diz o **velho**, que se me deram esse nome, era porque me faziam compartilhar alguma “essência solidária” com seu mundo.

Vemos, então, com que meticulosidade o **outro** é observado pelo **eu**. Esta ação particulariza um avanço no assunto do reconhecimento: o **outro** já forma parte de seu mundo. Como assinala Ricoeur, se não fosse assim o **velho-narrador** não poderia falar sobre eles. De maneira similar, do ponto de vista do **outro**, os indígenas o trataram desde o começo com privilégios e delicadeza, o cumprimentavam, sorriam para ele, o convidavam para as excursões de caça e em várias ocasiões pediram-lhe ajuda para desenterrar seus legumes ante a ameaça de uma tormenta (p. 104). Esse comportamento, de acordo com a teoria ricoeuriana, é sinal que o par **eu** e **outro** vivem um fazer solidário. No entanto, no decorrer da trama, o **outro** parece esperar uma ação muito mais categórica deste sobrevivente.

A aventura do jovem no Novo Mundo desperta, quando de sua volta, uma grande curiosidade na Espanha, o que o obriga a relatar sua experiência a reis, sacerdotes e vizinhos até conseguir tranquilidade e se estabelecer num lugar do sul da Península. Cumpridas as exigências determinadas pelas autoridades e após ter exercido diversas atividades se retira a revisar seu passado. Nesta etapa de sua vida começa o relato.

### **Iipseidade e mesmidade**

Ainda para aprofundar a noção do reconhecimento, faz-se necessário introduzir, sucintamente, a complexa terminologia que emprega Ricoeur na construção daquele conceito. A “consciência reflexiva de si mesmo” que começa a assumir o **eu** é entendida pelo filósofo com o termo *ipseidade*. Se poderia dizer que é um momento existencial bem mais exigente e perturbador que o primeiro estágio na fundamentação do reconhecimento, ou seja, a noção de identidade, isto é, a mesmidade. Poderíamos, talvez, e não seria exagero, considerar esse conceito como imutável; quiçá poderia ser entendido como uma carga genética. Já o *ipse* – equivalente ao **eu** para nosso objetivo neste artigo –, ao contrário, é uma categoria em movimento, que leva em conta as ações assumidas pelo sujeito segundo suas próprias capacidades; ademais a ipseidade se completa com o reconhecimento dos outros<sup>8</sup>.

---

tava em uma expedição [...], a tudo isso e muitas coisas mais” (*Op. cit.*, p. 160-161).

<sup>8</sup> Tenho ciência da riqueza conceitual que Ricoeur vai introduzindo, em seus diferentes textos, à relação entre *mesmidade* e *ipseidade*. Ver, por exemplo, *Sí mismo como otro*, quinto e sexto estudos. Após uma longa discussão sobre o termo *carácter* coloca que esse conceito “designa o conjunto de disposições duradouras nas que reconhecemos a uma pessoa”, então o carácter constitui o ponto limite em que a problemática do *ipse* torna-se indiscernível da do *idem* e permite inclinar-se a não distinguir uma da outra (p. 112-115). Ricoeur avança na fundamentação da diferença entre *idem* e *ipse* em *Percurso do reconhecimento* (p.114-118).

O velho, ao narrar seu passado, ressalta que o que lhe “era estranho, quando toquei a praia no primeiro anoitecer, com o tempo contínuo, que nos molda e nos transforma foi se tornando familiar” (p. 101). Nesse tempo demorado de dez anos o **eu**, à medida que conhece as atividades dos indígenas, chega a compreender a ansiedade que lhes vem a cada ano ao redor das grelhas; entende o sentido que tem a maneira de brincar das crianças; aprecia nos adultos o diferente comportamento nas estações do ano; percebe o afeto de alguns para com ele, a meticulosidade com que ordenavam suas vivendas e, ao final de sua permanência, é capaz de individualizar as diversas tribos vizinhas.

A partir da interação entre o **eu** e os **indígenas**, vale refletir sobre o “tempo contínuo” percebido pelo narrador onde, a meu ver, vai incubando-se uma simultaneidade existencial; em outras palavras dá-se um reconhecimento mútuo que só é possível pela relação recíproca estabelecida por habitar um mundo natural comum, isto é, o mesmo espaço e por compartilhar uma quantidade de tempo.

Ricoeur, ao se deter na problemática da identidade pessoal, introduz um critério temporal interessante para nossa reflexão dialógica entre filósofo e ficcionista, a chamada “*continuidade ininterrompida*” que pode ser considerada equivalente ao “*tempo contínuo*” saeriano. Este discernimento ricoeuriano sobre a quantidade temporal é necessário para visualizar – se assim se pudesse dizer – o primeiro e último estágio no desenvolvimento da pessoa; neste caso o **eu** convive uma década numa relação recíproca com o **outro** e sessenta anos depois narra o acontecido e, em consequência desta ação de se narrar, medita sobre si mesmo e assim completa seu ipse. Todo o trabalho de recordação está contado na primeira pessoa e na totalidade das observações e das ponderações sobre o **outro**, o **eu** oferece uma demorada reflexão. Como Ricoeur gosta de dizer, agora entramos “na nebulosa das filosofias reflexivas” (2006, p. 108).

Acompanhando os passos ricoeurianos na reflexão sobre si mesmo, embora com muito menos rigor, começo qualificando ao **velho-narrador** como um homem que amplia suas capacidades – reaprende a falar sua língua materna, aprende a ler, estuda grego e latim com o Padre Quezada, que o acolhe como discípulo no seu retorno – e, além disso, efetiva sua ação através da palavra. É um narrador necessitado de falar, que precisa visitar sua experiência; é uma pessoa que reconhece ser capaz de levar adiante as duas tarefas descritas por Ricoeur: “posso fazer; posso dizer”, ou seja, o **eu** se faz responsável por sua ação e suas palavras. Desta forma o **velho-narrador** consolida, com sua narração sobre si mesmo, a relação recíproca com os colastiné.

Enquanto vivia com os indígenas e bastante tempo depois, ao recordar sua permanência com eles, o narrador enfrenta uma luta constante consigo mesmo para entender o que esperavam dele. Percebe que algo aguardavam, pois não entende por que o tinham preservado, alimentado, demonstrado afeto e o protegeram cada ano de assistir ao ritual antropofágico. Inquietava-o entender por que cada um queria se fazer notar frente a sua pessoa com gestos desproporcionados até o último instante de sua

estadia com eles. Após uma década e com um clamor parecido aos “dias excepcionais”, a tribo o coloca numa canoa e o devolve à desembocadura do Rio. Vários colastiné o acompanharam nadando, faziam-lhe sinais desmesurados golpeando-se nos peitos. Cada um queria se destacar frente a sua pessoa para serem reconhecidos e, como ele mesmo compreende, para que nunca fossem esquecidos. “O que transcorria diante de meus olhos, recorda o *velho*, ganhava sentido em vez de perdê-lo” (p. 106), pois após longas reflexões soube o que eles “queriam de mim”. Os colastiné “esperavam que [eu] duplicasse, como a água, a imagem que tinham de si mesmos, que repetisse seus gestos e palavras, que os representasse em sua ausência [...] que pudesse retornar sobre seus passos para contá-los em detalhe a todos [...] e que fosse, diante do mundo, seu narrador” (p. 161-162).

Deste modo o *eu* assume-se como sujeito de ação afinando sua identidade-ipse. Ao acreditar na sua capacidade de relatar sua própria história junto aos colastiné, isto é, ao conquistar uma identidade narrativa verifica que sua vida ficou estreitamente vinculada à da tribo. Eu era “argila branda quando toquei essas costas de delírio, e pedra imutável quando as deixei” (p. 101) escreve nas suas “quase memórias”.

\* \* \* \* \*

Estabelecido com sua família no sul da Espanha, o *velho* recorda sua experiência passada e reconhece que esses *outros*, após sessenta anos, “ocupam invencíveis sua memória” (p. 163). Além disso, percebe claramente como suas lembranças daquela época surgem inesperadamente ou, às vezes, a volta às vivências anteriores é procurada por ele próprio. Constatamos, então, que ao auscultar e aceitar sua consciência reflexiva – a ipseidade ricoeuriana – aprimora seu próprio eu e compreende que para ele “o momento presente não tem mais fundamento que seu parentesco com o passado”. Os índios, conclui, não se equivocaram comigo, pois “eu não tenho nenhuma outra coisa para contar” (p. 165) a não ser levar ao conhecimento do mundo a existência dos colastiné.

### Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XVII.

KANT, Emmanuele. *Crítica da razão pura. Terceira Analogia*. Trad. de J. Rodrigues de Meringe. Grupo Acrópolis. Versão eletrônica disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis/>>, p. 102-105. Acesso em: 20 ago. 2012.

RICOEUR, Paul. *Sí mismo como otro*. México: Siglo XXI, 1996.

\_\_\_\_\_. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

RODRIGUES BRANDÃO, Carlos. *Identidade e etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SAER, José. *O enteado*. Trad. de José Feres Sabino. São Paulo: Iluminuras

Recebido em 21 de setembro de 2011

Aprovado em 15 de outubro de 2011